

Direitos, Regimes de Conhecimento e Artes Indígenas nas universidades e escolas: imprescindíveis entradas, alguns desafios e dificuldades

Heiberle Horácio¹

Maria das Dores Fernandes Vitor²

Vanginei Leite Silva Xakriabá³

Resumo: Este artigo procura destacar a imprescindibilidade da entrada e permanência dos Povos Indígenas, dos seus Regimes de Conhecimento e Artes na Universidade e nas escolas brasileiras, inclusive para transformação dessa Universidade e das escolas. Este texto procura, também, evidenciar a importância da Universidade brasileira ser uma aliada na luta pelos Direitos dos Povos Indígenas, e as escolas serem espaço de combate dos estereótipos e discriminações contra os Povos Indígenas. Designadamente, este texto construiu um “diálogo” entre um mestre e artista indígena que é pós-graduando em uma universidade pública - o indígena Nei Leite Xakriabá - com a professora Joana Aparecida Fernandes Silva - que atua na área de Formação de Professores Indígenas, no Curso de Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade Federal de Goiás - trazendo uma importante fala de Nei Xakriabá articulada à entrevista realizada pela professora Joana Fernandes, bem como às considerações dos autores e da autora do texto.

Palavras-chave: Indígenas. Regimes de Conhecimento e Arte. Universidade. Escolas.

Rights, Knowledge Regimes and Indigenous Arts at universities and schools: essential entries, and some challenges

Abstract: The article aims to highlight the indispensability of the entry and permanence of Indigenous Peoples, of their Knowledge and Arts Regimes at the University and Brazilian schools, including for the transformation of this University and the schools. This article also seeks to highlight the importance of the Brazilian University being an ally in the fight for the Rights of Indigenous Peoples, and schools being a space for combating stereotypes and discrimination against Indigenous Peoples. Namely, this article built a “dialogue” between an indigenous master and artist who is a postgraduate student at a

¹ Pós-Doutor em Ciências Sociais. Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes), *campus* Montes Claros. MG, Brasil. E-mail: heiberle@hotmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4486-1764>.

² Graduada em Artes/Teatro e graduanda em Ciências da Religião pela Universidade Estadual de Montes Claros. Bolsista de Iniciação Científica BIC/UNI- Unimontes. MG, Brasil. E-mail: mariavitor.mv.mv@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2654-1791>.

³ Mestre em Artes pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professor da Escola Indígena Xukurank. MG, Brasil. E-mail: vangineisilva@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3199-0647>.



public university - the indigenous Nei Leite Xakriabá - with professor Joana Aparecida Fernandes Silva - who works in the area of Indigenous Teacher Training, - bringing an important speech by Nei Xakriabá linked to the interview conducted by Joana Fernandes, as well as the considerations of the authors and the author of the article.

Keywords: Indigenous. Regimes and Indigenous Arts. Universities. Schools.

Derechos, Regímenes de Saber y Artes Indígenas en universidades y escuelas: esenciales entradas, algunos desafíos y dificultades

Resumen: Este artículo busca resaltar la importancia de la entrada y permanencia de los Pueblos Indígenas, de sus Regímenes de Saber y Artes en la Universidad y en las escuelas brasileñas, incluso para la transformación de esta Universidad y de las escuelas. Este artículo también busca resaltar la importancia de que la Universidad Brasileña sea una aliada en la lucha por los Derechos de los Pueblos Indígenas, y que las escuelas sean un espacio para combatir los estereotipos y la discriminación contra los Pueblos Indígenas. Es decir, este artículo construyó un “diálogo” entre un maestro y artista indígena, estudiante de posgrado en una universidad pública - el indígena Nei Leite Xakriabá - con la maestra Joana Aparecida Fernandes Silva - que trabaja en el área de Formación de Maestros Indígenas, UFG - trayendo un importante discurso de Nei Xakriabá vinculado a la entrevista realizada por la maestra Joana Fernandes, así como las consideraciones de los autores del artículo.

Palabras clave: Indígenas. Regímenes de Saber y Artes. Universidad. Escuelas.

2

1 Apresentação

Em outro trabalho realizamos um levantamento das produções, atividades e ações desenvolvidas no âmbito da Unimontes, bem como destacamos a importância dos Regimes de Conhecimento Indígenas na universidade, e a imprescindibilidade da universidade pública brasileira ser uma aliada na luta pelos Direitos dos Povos Indígenas. Nele mencionamos que a universidade deve “se comprometer a realizar ações públicas externas a ela e a se envolver em debates públicos, como, por exemplo, aqueles relacionados às demarcações de terras indígenas, questão extremamente importante e que tem sofrido [...] trágico retrocesso no Brasil”. (HORÁCIO *et all*, 2019, p.2).

Este texto se insere no mesmo movimento de reflexão e entendimento do artigo supracitado, assim como se insere no conjunto de trabalhos, pesquisas e ações que refletem sobre a necessária presença de indígenas e dos Regimes de Conhecimento Indígenas nas universidades brasileiras, inclusive, como já destacamos, para a transformação dessa própria universidade.

Designadamente, neste texto construiremos um “diálogo” entre um mestre e artista indígena que é pós-graduando em uma universidade pública - o indígena Nei Leite Xakriabá - com a professora Joana Aparecida Fernandes Silva, que atua na área de Formação de Professores Indígenas, no Curso de Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade Federal de Goiás.

Nei Leite Xakriabá e Joana Aparecida “fariam esse diálogo” em uma mesa redonda no COPED, evento do Programa de Pós-Graduação em Educação da Unimontes, que no ano de 2022 teve como temática relacionada os 100 anos de nascimento do antropólogo, educador e político montes-clarense Darcy Ribeiro. No entanto, por motivos inesperados o diálogo não pode acontecer. Por isso, este texto, recuperando a importante fala de Nei Leite Xakriabá no evento acima citado, une a contribuição de Nei Xakriabá à entrevista da professora Joana Fernandes, entrevista realizada especialmente para este texto. Assim sendo, esta produção procura, com esse “diálogo”, trazer mais um material para pensarmos questões imprescindíveis, quais sejam, os desafios para a entrada e permanência de indígenas e seus Regimes de Conhecimento nas universidades brasileiras.

Para iniciar esse “diálogo”, com a palavra o artista e professor indígena Nei Leite Xakriabá:

3

2 - Nei Leite Xakriabá

Eu sou professor indígena aqui na minha aldeia, sou pesquisador e ceramista. Atualmente estou finalizando o Mestrado na Escola de Belas Artes na UFMG, estou na fase final da escrita e também fiz a licenciatura na Faculdade de Educação da UFMG e vou falar um pouco aqui da importância do que foi e do que está sendo essa parceria nossa com a universidade, e o quanto isso tem trazido coisas boas para nossa comunidade, porque no passado a gente recebia muitos pesquisadores da universidade, muitas pessoas que vinham se formar em cima do conhecimento dos nossos mais velhos e desapareciam, não tinha nenhum retorno e os nossos mais velhos começaram reclamar disso e a cobrar essa presença nossa nas universidades para que tivéssemos os pesquisadores do próprio povo, pesquisadores que estariam desenvolvendo suas pesquisas na própria terra, no próprio território e que não iriam sair da terra e não ter mais notícias deles.

Igual a Rose⁴ falou da importância da universidade, a universidade e as escolas por muitos anos negaram a história dos povos: povos indígenas e os povos quilombolas e é necessário que a universidade esteja cada vez mais com portas abertas para nos receber! A gente tem muito a repassar, tem muito conhecimento também a compartilhar com a universidade, a nossa presença nesses vários espaços, como por exemplo, o espaço da universidade, os programas de pós-graduação e em outros programas realizando pesquisas, relatando as nossas violências sofridas. A nossa relação com a natureza é de grande importância para a comunidade, tem uma importância grande para a continuidade das nossas lutas, da nossa existência, mesmo sendo em alguns casos um sacrifício para nossos corpos nos distanciando dos nossos pares por algum tempo e nos deparando com algumas academias que ainda hoje não se flexibilizaram para nos receberem, vale a pena, como forma de pedagogia e divulgação da cultura. Então quanto mais a gente estar nesses espaços, nos espaços dos museus, ocupando esses espaços e colocando as nossas vozes narrando as nossas histórias, mais contribuições vamos ter.

Eu sou ceramista e a minha pesquisa sobre a cerâmica teve uma grande importância na contribuição da universidade nesse processo de pesquisa porque na nossa comunidade as pessoas tinham deixado de fazer a pesquisa, a cerâmica, a partir da minha entrada na universidade e desse desejo de pesquisar, de conversar com os mais velhos e trazer a cerâmica de volta, hoje a gente tem um grupo de mulheres fazendo a cerâmica, conseguimos fazer a retomada da cerâmica.

Durante a minha pesquisa, eu conversei com os mais velhos e consegui também trazer de volta uma queima tradicional que há muitos anos não era feita. Essa queima estava guardada na memória dos antigos e que estava prestes a se perder porque essas pessoas morrem e com eles vão os conhecimentos. Então a universidade tem um papel importante nessa formação de pesquisadores e foi uma pesquisa onde eu recusei escrever um texto acadêmico e decidi fazer na prática, decidi fazer o manual, mostrando, documentando a profissão por meio de fotos e também uma exposição final. Então a própria circulação das peças foram documentando esse processo de retomada.

Hoje no mestrado, durante toda essa trajetória minha como artista indígena eu fui

⁴ Rose foi uma das integrantes da mesa no evento supracitado, e nas palavras da Profa. Mônica Amorim, mediadora da mesa, “Rose, Rosemeire Alves de Souza, quilombola da comunidade de Alegre, em Januária, escritora, poeta, graduada em Letras-Português pela Unimontes, especialista em políticas públicas de gênero, raça e etnia pela UFOP, membro da comissão permanente de educação escolar quilombola da Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais, professora da educação básica”.

percebendo que além de produzir objetos, era necessário narrar nossas lutas, produzir textos críticos, ocupar outros espaços além do espaço da aldeia e que devemos cada vez mais promover pensamentos e não devemos buscar apenas visibilidade visual como artista, mas buscar visibilidade para a nossa luta, para nossa história. A história de resistência, pois é preciso utilizar várias ferramentas como forma de repassar para os não-indígenas informações sobre nossa realidade, pois a maioria deles são bombardeados de equívocos sobre nossa cultura, falo não só da cultura indígena, mas também dos próprios quilombolas. E esses equívocos sobre os povos indígenas são muitas informações que são passadas de forma equivocada e eles precisam saber que nossa arte não está apartada das nossas lutas, por isso nós indígenas, devemos deixar nossa zona de conforto e colocar nossos corpos, nossas vozes, nossa literatura, nossa arte de forma mais incisiva diante dos olhos e ouvidos daqueles que ainda insistem em manter uma postura colonizadora.

5

A universidade ela tem essa importância porque é lá que a gente vai dialogar com muitas pessoas, o espaço, os professores... Eu tenho percebido que faltam muitos conhecimentos sobre as culturas. As pessoas conhecem mais da cultura europeia e estadunidense do que a cultura do próprio povo, então o pessoal sabe mais dessa cultura que está distante. É interessante que os professores estejam cada vez mais sabidos da realidade dos povos, para poder ensinar para os seus alunos e contribuir para quebrar esses estereótipos, que a gente tá cansado de ouvir por aí, as pessoas ainda acham que a gente mora lá na floresta, nú. Se a gente usar uma roupa, um sapato... deixa de ser indígena. Aquela visão muito ultrapassada do indígena parado no tempo, que não evolui, que somos aculturados, que somos falsos e deixamos de ser indígena, por isso não temos mais direito de reivindicar a terra ou outros direitos. Então eu acho que a universidade e as escolas têm um papel muito importante para descolonizar esses pensamentos.

Eu tenho participado de algumas exposições. Ano passado participamos da Bienal em São Paulo e junto com vários outros artistas, essa Bienal teve a curadoria do Jaider⁵ um amigo, artista indígena bastante reconhecido, que faleceu durante a exposição, mas foi uma experiência boa poder participar dessa exposição e acabei também participando de outra exposição que é a exposição Mundos Indígenas e também acabei fazendo algumas observações e levantamentos com relação a participação nessas exposições, que acabaram me mostrando que não há no circuito da arte o interesse imediato de artista pela cerâmica, uma vez que nessas duas exposições apenas eu e minha mãe éramos os únicos

⁵ Artista indígena Jaider Esbell falecido em 2021.

representantes desse campo artístico participando dessas exposições. Então nesse contexto demonstra a importância de ensinar a cerâmica tradicional Xakriabá, tanto nas escolas indígenas quanto nas escolas não indígenas, para que não se perca esse conhecimento.

Durante a minha presença na universidade, eu tenho conversado com muitas pessoas e tenho percebido o quanto é importante esse diálogo, porque as pessoas no final elas agradecem porque elas tinham informações diferentes, informações equivocadas sobre nossa cultura, sobre a nossa visão de mundo, e acabam depois nos agradecendo porque viram que era uma outra realidade e isso tem ajudado muito para a gente conseguir parceiros. Nós temos vários parceiros nas universidades. Na Unimontes tem um bocado de colegas o Heiberle e o Fabiano, entre outros, que são parceiros e que tem também falado muito bem sobre a nossa cultura e é isso que a gente precisa, cada vez mais desses parceiros.

A universidade ela está presente principalmente aqui na minha comunidade há uns 20 anos com a gente indo fazer cursos e fazendo pesquisa. Durante esse período a retomada da língua Xakriabá, que foi uma língua proibida durante esse período de violência de invasão de fazendeiros, esse período todo de violência aí na nossa história, não só a cerâmica mas várias outras práticas estão sendo retomadas e tem se tornado importante porque os jovens estão se envolvendo nessas práticas, muitos estavam saindo para fora da aldeia, hoje eles estão se envolvendo nessas práticas e cada vez mais alimentados por essa ideia de pertencimento ao povo. As nossas escolas, as escolas indígenas também tem tido o apoio muito grande das universidades nesses cursos de formação. Foi muito importante para nós essa parceria nossa com a universidade, apesar de muitas vezes a gente ter que sair para longe, ficar distante do nosso povo, da nossa família e essas universidade muitas vezes não estão bem preparadas para nos receber, mas vale a pena, vale a pena a gente estar ocupando esse espaço na universidade.

Com relação as artes indígenas, eu tenho percebido na universidade que hoje as pessoas tem tido uma aceitação bem melhor do que antes porque sempre houve, não só nas universidades, mas no meio do não-indígena essa coisa de tentar desvalorizar as artes, principalmente dependendo da classe social que a faz, então muitas vezes nossas artes elas foram ignoradas, elas foram classificadas como artesanato e para nós é importante estar nesses espaços, no museu, nos cursos de pós-graduação em arte e nos colocar como artistas, mostrar que a nossa arte ela não deixa de ser arte por ela ter sua ligação com a

nossa vida, essa ligação com o dia a dia, a ligação com a natureza, muitos acabam classificando ela como algo, como um objeto, como artefato, porque muitas vezes eles querem comparar com a arte do não-indígena, que na maioria das vezes é feita para ser admirada, para ir para um espaço separado do cotidiano, mas no nosso caso, não é por isso que as nossas artes vão deixar de ser arte e com esse movimento da arte indígena contemporânea vários artistas indígenas como o Jaider, Welder, Nilson, Vanila, a nossa arte está ganhando visibilidade e essa presença nossa também na universidade que tem contribuído bastante para isso.

3 - O diálogo a partir da professora Joana Fernandes

Após as importantes palavras do artista e professor Nei Xakriabá, que apontam grandes questões, e também indicam algumas dificuldades para a entrada e permanência dos povos indígenas e seus Regimes de Conhecimento nas universidades, a entrevista com a professora Joana Fernandes também traz necessárias observações sobre as dificuldades e os desafios acima mencionados.

Pergunta: Professora Joana, antes de falarmos dos desafios enfrentados pelos alunos e alunas indígenas, a senhora gostaria de fazer alguma observação inicial?

Resposta profa. Joana: O Desafio: não apenas incluir. Mas como Brand postulou, não se trata apenas de incluir alunos indígenas nas universidades e formatá-los nas nossas lógicas de produção do conhecimento e de formatos. Foi difícil conquistar cotas para indígenas e negros? Foi. Agora temos alunos indígenas, negros e quilombolas na UFG, na UFMG, e em várias outras universidades brasileiras. O mais difícil é dialogar, renunciando à postura de colonização do saber. O difícil é conquistar espaços pluriépistêmicos, onde os sistemas de conhecimento, ou as epistemologias indígenas tenham o estatuto de um saber da mesma importância e reconhecimento que a nossa epistemologia.

Incluir não significa apenas abrir vagas. É preciso mais. É preciso preparo dos professores, dos funcionários e da universidade. Em um mundo ideal, a universidade teria esquemas para acolher os estudantes – moradia, alimentação, assistência à saúde. Os estudantes ficam muito doentes quando vêm para a cidade.

Incluir significa também em um exercício de interculturalidade, onde haja respeito aos conhecimentos, saberes e à ciência dos povos de nossos alunos.

Pergunta: Professora Joana, você poderia nos indicar, baseada na sua experiência, pelo menos algumas dificuldades e desafios enfrentados pelos alunos e alunas indígenas?

Resposta Profa. Joana: Eu pedi a alguns alunos que me respondessem sobre as dificuldades que eles enfrentam ao precisarem morar na cidade. Apresentei as seguintes perguntas: você pode me falar um pouco sobre sua vida no curso aqui em Goiânia? Quais dificuldades vocês tiveram para morar na cidade, para comer? Para conviver com os não indígenas? Para estudar? Para ler?

Todos foram unânimes em apontar os seguintes problemas: local de moradia e condições - locatários exploram alunos indígenas com aluguéis elevadíssimos para cômodos miseráveis, apertados e mal ventilados. Alimentação: alimentação muito diferente das que usufruem em suas aldeias. Todos reclamam muito da comida servida no R.U. Problemas de saúde: anemia, diabetes, hipertensão, problemas na visão, problemas de dentes. Todos nossos alunos no mestrado adoeceram no período em que estiveram em Goiânia. Em particular, um deles quase perdeu a vida para uma anemia e outro para o diabetes. Distância da família. Todos relatam sentir muita falta dos cônjuges e dos filhos. Os nossos alunos da turma de 2019 trouxeram as esposas e filhos, o que traz mais dificuldades, em virtude do valor da bolsa. Muitos dos alunos da Intercultural sofrem muitos padecimentos de saúde no período de aulas aqui. Dinheiro para morar na cidade. A bolsa da Capes para financiar o curso é pequena para manter o aluno indígena morando na cidade, alguns deles com esposa e filhos, ou como os Xavante, que trazem um ou dois sobrinhos. No caso da Intercultural, a bolsa permanência é muito pequena e mal cobre os gastos do deslocamento, alojamento e alimentação dos estudantes. Todos tiveram dificuldades com a manutenção na cidade.

Pergunta: Quais alguns desafios que os alunos e alunas do mestrado enfrentaram no processo de do curso?

Resposta Profa. Joana: Todos relataram dificuldade com a linguagem escrita, uma vez que a forma predominante de comunicação deles é a oralidade, e o português é a segunda língua. Por exemplo [relato de uma indígena]:

“Quando ingressei na escola pública da cidade, logo me deparei com muitos acontecimentos novos, diferentes do que estava habituada a viver. Tive muitos desafios que envolviam dificuldades para ler e escrever em outra língua que não era a minha e o enfrentamento de atos de discriminação e preconceito por ser indígena, devido aos meus

costumes tradicionais, por ter vindo da aldeia. Estas foram as minhas primeiras e dolorosas decepções e já me colocavam, mesmo sendo criança, em situações de discriminação racial”. (Andressa Apinaje).

Como regra, [possuem] dificuldade com a exigida “disciplina” acadêmica e ritmo de pesquisa e de escrita, quando a percepção do tempo e, em decorrência, a vivência do tempo, nos povos indígenas é muito distinta da nossa, onde o relógio controla e organiza e disciplina nosso dia. Afonso [aluno indígena] e outros alunos [também indígenas] disseram que os textos que os professores davam e eles não conseguiam entender nada. Todos receberam ajudas de seus colegas de turma. Esse apoio foi fundamental. [Outras dificuldades:] professores que falam muito rápido; sotaque no português. Acesso à biblioteca, aos livros, à cópia de textos.

Pergunta: Pode nos dizer o quanto a presença dos indígenas é especialmente transformadora, inclusive pela diferença, também para a pós-graduação? Dizer também de como esses povos e regimes de conhecimento foram excluídos e sofreram com o epistemicídio, etnocentrismo e eurocentrismo inclusive dentro e pelas universidades?

Resposta Profa. Joana: No que difere então a presença de um aluno indígena em um curso de mestrado, em uma universidade federal? A diferença dessa presença é gigantesca: na cosmologia, língua, cultura, história, regras de etiqueta, alimentação, valores, posturas e etc.

Eduardo Viveiro de Castro postulou que o pensamento ameríndio é diametralmente oposto ao pensamento chamado “ocidental”. Neste pensamento, os seres, incluindo os humanos, tem significado muito diversos dos nossos. Nós separamos a natureza da humanidade, temos, portanto, um pensamento dual. Os povos indígenas brasileiros não opõe natureza, à cultura e à humanidade, sendo que todos os animais foram ou são humanos, mas com outra pele.

Esse pressuposto já permite que nos situemos diante de nossos alunos indígenas. O seu conhecimento e análise do mundo é totalmente diverso e os significados que ele atribui aos seres vivos e aos acontecimentos são muito diferentes dos nossos.

Estamos começando emergir de um silenciamento e de um apagamento dos conhecimentos e dos saberes indígenas. Sistemáticamente, o mundo não indígena tratou-os como pessoas de segunda categoria, ou mesmo de não pessoas, procurando igualar os indígenas a animais, a pagãos, a seres que não tem luz, que não conhecem deus.

São 500 anos de apagamento das verdadeiras formas de pensar e de conhecer o mundo. Todo um discurso foi elaborado sobre o preconceito e a ignorância de quem eles são e do que sabem. Todo um conjunto de argumentos é estruturado buscando demonstrar que os povos indígenas não tem ciência, apenas um conhecimento empírico, sem os requisitos de que glorificamos como ciência.

Quando eles chegam na universidade, chegam em um lugar onde esses pressupostos são quase que fossilizados, e onde a ciência que nem é brasileira, mas herança do mundo europeu que nos colonizou, está implantada em um modelo de funcionamento que também herdamos da Europa.

A universidade na qual fomos formados tem o desafio agora de receber, compreender, conversar com outras formas de pensar, de entender, de analisar e de estar no mundo. Fala-se em pluri-versidade e precisamos nos abrir para as múltiplas epistemologias trazidas por nossos alunos indígenas e também quilombolas. Estamos preparados para uma universidade mais diversa, mais rica, mais interessante? Que não seja mais monocromática?

Outras possibilidades também estão sendo pensadas para a recepção destes saberes nas universidades. Quero mencionar aqui o projeto chamado Rede de Saberes, coordenado pelo antropólogo Jose Jorge Carvalho, da UNB (Diretor do INCT – Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia e Inclusão no Ensino Superior e na Pesquisa, Ministério de Ciência e Tecnologia, Professor da UnB – Brasília), cuja proposta principal, no meu entender, é trazer sábios não acadêmicos para darem aulas na universidade. O professor Jorge Carvalho fundamenta a proposta na ideia da descolonização dos saberes e com uma sólida crítica à chamada ciência ocidental e à maneira como a universidade se estrutura.

Esses sábios, ou mestres como vieram a ser chamados, vem para dentro das salas de aula na UNB (me parece que a UFMG também tem o projeto, bem como algumas outras universidades⁶). A acolhida dos alunos é tão boa, que Jorge de Carvalho disse que

⁶ Em 2022 foi realizado o projeto Encontro de Saberes em parceria UEMG e Unimontes, com a articulação dos programas de Pós-Graduação em Educação- PPGE e em Desenvolvimento Social – PPGDS. O projeto é coordenado pelo prof. Emmanuel Duarte Almada, da UEMG, e possui articulação com a Unimontes através da profa. Ana The e do Prof. Heiberle Horácio, e nessa articulação os mestres e mestras que participaram do projeto são: Dona Maria Madalena (Nenzinha) - Liderança das Comunidades Geraizeiras, Montes Claros - MG. Jaime Alves dos Santos - Liderança das Comunidades Veredeiras, Januária-MG. Avarinda Francisca de Jesus (Dona Nega) – Artesã de Sagarana-MG. Maria Lúcia Agostinho - Liderança das Comunidades Geraizeiras, Rio Pardo de Minas-MG. Enedina de Croatá - Liderança das Comunidades Quilombolas Vazanteiras e Pesqueiras do Médio São Francisco, Januária-MG. Nei Xacriabá - Educador e

há fila de espera para as matrículas. Desta maneira, a universidade tem um sistema de cotas para estudantes e um sistema com aulas com mestres com saberes especiais. Jorge Carvalho pergunta: Como uma faculdade de música não tem música indígena ou negra? Como a faculdade de arquitetura não tem arquitetura indígena? Jorge Carvalho acredita que, com esses movimentos de pluralização do conhecimento dentro das universidades, novos conceitos e novas teorias poderão surgir.

Nesta vertente, entender o que é interculturalidade, e praticá-la em sala de aula e nas orientações, é fundamental para que os conhecimentos, ou saberes indígenas, encontrem ressonância em uma instituição fechada com a nossa.

Pergunta: Professora Joana, há alguma pergunta que nós não fizemos e que você gostaria que tivéssemos feito?

Resposta Profa. Joana: Agora vem uma pergunta. Nossa forma consagrada de apresentação de resultados de pesquisa é a escrita. Poderíamos, nesta virada que estamos experimentando, pensar em outras formas?

Outra experiência que desejo trazer para hoje chama-se Retomada Epistêmica, grafias interculturais, compor narrativas gráficas sobre território, universidade, retomada, epistemologias, interculturalidade. A retomada epistêmica foi uma ação desenvolvida em julho de 2019, com alunos da licenciatura intercultural, a partir da confluência entre o debate e aprofundamento teórico em torno da expressão “retomada epistêmica”, da discussão sobre territorialização e da experimentação gráfica a partir da técnica de serigrafia.

A hegemonia da forma como escrevemos, pesquisamos, teorizamos deve ceder espaço a uma troca intercultural e na possibilidade de encontrarmos, talvez, outras formas de expressar e compartilhar os saberes. Nosso modelo de conhecimento, fragmentado, disciplinarizado, hierárquico precisa ser questionado. Segundo Pimentel da Silva: Isso só se faz na base da coteorização, ou seja, a de construir conhecimento levando em conta diversos marcos epistêmicos. Em outras palavras, a coteorização é um caminho intercultural do saber, a ser aberto, de mentalidade científica, mas não cientificista. Este pensamento plural é necessário à educação decolonial... para contribuir para o cumprimento da justiça histórica e cognitiva. Muitos saberes e línguas indígenas foram

artista em cerâmica, indígena, representante do Povo Xacriabá, São João das Missões-MG. Avarinda (Dona Nega) – Artesã de Sagarana-MG.

assassinados, outros inferiorizados, desperdiçando-se, assim, riquezas de conhecimento que contribuem para o alargamento dos horizontes humanos, em diferentes aspectos.

Este é o momento em que é possível virar o marco colonial do conhecimento.

Considerações finais

Após as significativas falas de Nei Xakriabá e da professora Joana Fernandes, importa também recuperar, para o alcance do propósito deste texto, as palavras das indígenas Ana Paula Neves Santos Xakriabá e Célia Xakriabá. Sobre o saber universitário, menciona Célia Xakriabá que “ao adentrar no território acadêmico, umas das minhas inquietações foi ver o conhecimento ser produzido de forma fragmentada. Tudo se discute em seção, com os recortes dos recortes. Mas para nós Xakriabá, no território e no movimento da vida, não é assim que acontece, já que os conhecimentos produzidos em torno destes elementos operam de maneira articulada” (XAKRIABÁ, 2018, n.p.). Tais considerações de Célia Xakriabá coadunam com uma observação feita por nós, em artigo anteriormente referido (2019), em que destacávamos que “a universidade precisa compreender que ao invés de falar pelos povos indígenas, deve criar canais de colaboração mútua e diálogos plenos com eles, efetuando, inclusive, deslocamentos - em todos os sentidos, até mesmo físicos-, do seu lugar às terras indígenas”. (2019). Além do que, consideramos que “a relação dos Povos Indígenas com as universidades brasileiras pode - caso a universidade questione o seu modo de operar muitas vezes academicista e reprodutivista, reconhecendo e compreendendo a imprescindibilidade de outros regimes de conhecimento e epistemologias - possibilitar fecundas trocas de conhecimentos, bem como possibilidades de a universidade se reinventar, rompendo com o seu “funcionamento”, atualmente majoritário, individualista, machista e mercadológico” (HORÁCIO et all, 2019, p.75).

Célia Xakriabá também nos faz importante advertência sobre o fazer científico na universidade e os Regimes de Conhecimento indígena, pois, para Célia, a “produção da ciência encontra-se em crise e é necessário reconhecer outras instâncias que também produzem conhecimentos e conceitos. Considerar outras formas de agência e agentes, as ‘narrativas e narradores’ como potência de uma epistemenativa, com referência na ciência do território”. (2018). Importa também destacar que a universidade precisa urgentemente reconhecer os Regimes de Conhecimento Indígenas, até porque “reconhecer a

participação indígena no fazer epistemológico é contribuir para o processo de descolonização de mentes e corpos”. (XAKRIABÁ, 2018).

Por fim, para complementar e reforçar as falas das diferentes pessoas que neste texto destacaram as dificuldades e desafios dos indígenas na universidade brasileira, concluímos - apenas este texto e não as lutas e reivindicações de direitos - com o relato da indígena Ana Paula Neves Santos Xakriabá, egressa da Universidade Estadual de Montes Claros, que durante muitos anos fez enfrentamentos diários para permanecer nessa universidade e realizar um dos seus sonhos:

Sobre isso, eu, Ana Paula Neves Santos Xakribá, deixo claro que a falta de uma assistência estudantil é só uma das várias falhas dentro das instituições. Vale lembrar também que a questão da permanência nossa nas universidades vai muito além disso, vejo que a instituição é totalmente despreparada para a nossa diversidade cultural dentro dela, tanto pela falta da assistência, quanto pelo racismo e preconceitos nos arredores da instituição e até mesmo dentro das salas de aula. (HORACIO et all, 2019, p.76).

Referências

HORÁCIO, Heiberle H. Regime de Conhecimento e Narrativas Xakriabá: “Educação Territorializada”, ecologias de saberes e políticas como alternativas epistemológicas. In: HORÁCIO, Heiberle (Org): *Educação, Interfaces, Saberes Tradicionais e Populares: reflexões a partir do Norte de Minas Gerais e contribuições concernentes*. Campinas, SP: Editora Canastra, 2022.

HORÁCIO, Heiberle. ARAÚJO, Jully Alves. OLIVEIRA, Rosângela Cristina. XAKRIABÁ, Ana Paula Neves Santos. Indígenas e a Questão Indígena na Unimontes. In: VI COLÓQUIO INTERNACIONAL DE POVOS E COMUNIDADES TRADICIONAIS, 2019, Montes Claros. Anais do VI Colóquio Internacional de Povos e Comunidades Tradicionais. Montes Claros: Unimontes, 2019, p.75-85.

XAKRIABÁ, Célia Nunes Corrêa. *O Barro, o Genipapo e o Giz no fazer epistemológico*. 2018. 218f. **Dissertação** (Mestrado Profissional em Sustentabilidade junto a Povos e Terras Tradicionais) – MESPT. UNB. Brasília.

XAKRIABÁ, Nei Leite. *Manual de cerâmica Xakriabá*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2017.